



UMA QUEDA D'AGUA

O interior d'Africa é cortado por numerosos rios, mais ou menos extensos. Muitos d'elles, porém, só em parte são navegáveis, não porque lhes falte a agua necessaria para um barco poder boiar, mas pelas imponentes cataractas que se encontram de distancia em distancia.

O curso do rio é geralmente veloz: de repente, a agua chega a um ponto e esbarra com um rochedo; como é grande o impulso que traz, eleva-se a grande altura, para depois se precipitar furiosa, produzindo um formoso lençol de espuma alvissima; em virtude, porém, do forte arremesso, torna logo a erguer-se, formando-se de diversas ondas um enorme vagalhão, uma verdadeira montanha d'agua, que novamente se precipita no abysmo. O ruido que produz a agua ao despenhar-se é quasi de ensurdecer.

Quando os navegantes encontram alguma d'estas magestosas catadupas, impossivel de atravessarem-se, porque a morte seria certa, não tem remedio senão levar para terra a canôa, e arrastarem-na, na distancia de algumas centenas de metros, até alcançarem um ponto do rio onde já não se faça sentir a influencia da cataracta. Mas que trabalho para os pobres pretos! As vezes o terreno é em subida, e de certo não tão plano como o nosso Chiado; são pois necessarios esforços espantosos para conseguirem o que desejam. Para d'algum modo facilitarem o tra-

balho, vão tapetando o caminho com ramos de arvores, e por sobre elle arrastam a canôa.

Em todo o caso, uma cataracta é de certo um dos espectaculos mais imponentes e formosos que o viajante pôde encontrar.

O CARVÃO

(Continuação)

As doces esperanças com que me embalará na sua innocente idéa o meu bom professor, fallaram por completo. Dotado de grande talento, mas entregue tão sómente aos seus pensamentos e estudos, o bom do doutor era tambem um tanto ou quanto visionario. Quanto os seus bons desejos e sincero entusiasmo delineavam, tudo deante do seu espirito simples, habitualmente afastado da vida pratica, se transformava em risongas realidades. Os seus sonhos eram verdadeiros sonhos de artista. Só via o que o arrebatamento das suas paixões fundas de singelo e dedicado naturalista lhe suggeria como meio agradável conducente aos fins da sua missão scientifica. Eu na minha inexperiencia e profunda veneração pelo bom velho, seguia-o nas suas phantasias deliciosas.

O governo porém não se decidira a pensionar alumnos para acompanharem a seu professor em uma missão de ensino pratico, como se faz

no estrangeiro, e nem os minguados haveres do velhinho, nem a minha insignificante mensalidade de estudante pobre me permitiam a felicidade de o acompanhar á celebre mina de carvão de S. Pedro da Cova.

O meu professor partiu, lamentando profundamente não me poder levar, mas prometendo-me, para me consolar, que á volta me contaria tudo quanto visse para que eu não ficasse sem saber o que era uma mina de carvão.

Custou-me aquella partida. Durante dias pensei no meu velho amigo e mestre. Sonhava a viagem no comboio atravessando as bellas regiões do paiz. Julgava-me sentado nos bancos do *wagon*, vendo pela portinhola passar o panorama variado dos campos, dos rios, das lezírias e das marinhas de sal; as manadas de bois e de cavallos correndo livres na campina, a escuridão de um tunnel, a verdura vicejante de collinas cobertas de vinhas enramadas e vistas.

Depois volvia a pensar no fim principal da viagem — na mina. Como seria uma mina de carvão? Uma cova debaixo da terra e aberta em uma massa enorme de carvão de pedra? Como

devia ser escuro e feio! Seria muito fundo, alguma especie de casa muito grande como as adegas subterraneas, onde mesmo de dia só se pôde entrar com uma lanterna accesa?

Todo o dia e noite passava formando conjecturas, qual a mais maravilhosa e singular. Ardia em desejos de que voltasse o meu professor. Tão bom que elle era, tão meu amigo, tão amigo de ensinar o que sabia, havia de por força contar-me tudo, tudo; dizer-me como fôra para lá, o que vira, o que sentira; ensinar-me que feio tinha a tal mina, o aspecto dos homens que lá trabalhavam, o modo porque extrahiam o carvão, tudo eu queria saber. Hei de perguntar-lhe muita, muita cousa, dizia commigo mesmo, e elle ha de ficar contente com o seu discipulosinho. Não faltarão boccados de carvão que elle ha de trazer de lá, dentro da sua mala, para me contar a historia de cada um d'elles.

Só a idéa de tudo isto me fazia pular de contente. Esfregava as mãos, e sorrindo — tomara-o já de volta, dizia de mim para mim, alegre e satisfeito.

(Continúa)

VICTOR RIBEIRO.

DE LISBOA A PARIS

VI

Voltámos de *Versailles* a *Paris* á tardinha, e foi verdadeiramente encantadora a impressão que sentimos quando, passado S. Cloud, avistámos a grande cidade na sua enorme extensão, com horisontes larguissimos e perspectiva animada pelas altas torres e zimbórios das egrejas, das quaes a primeira pela antiguidade, pelo estylo e proeminencia ecclesiastica é a cathedral de *Nossa Senhora de Paris*, cuja primitiva fundação remonta ao seculo IV, sendo porém mais certo que ahi existiu uma egreja fundada por Childeberto em 555. Devastada pelos Normandos em 875, pôde, com diversas reparações, subsistir até ao seculo XII. Então chegou á maier ruina, o que fez pensar na sua reedição, com o risco actual, Mauricio de Sully, 62.^o bispo d'esta notavel diocese. Em 1167 poz a primeira pedra o papa Alexandre III, então refugiado em França. O piedoso e resolutu prelado não teve a consolação de ver o acabamento da sua obra, pois morreu em 1196. Diversas causas protrahiram por dois seculos a conclusão d'este maravilhoso monumento, que não pôde ser observado sem se experimentar uma certa impressão de respeito e admiração.

Se não é abundante de accessorios e ornamentos, é comtudo força confessar que tudo é harmonico n'aquella severa simplicidade.

A delicada flecha, erguida na parte posterior do templo e encimada pela cruz, pouco mais alta é que as torres, das quaes a do sul contém o famoso sino *le bourdon*, que peza 13:000 kilogrammas e só é tängido em occasiões solemmissimas.

O frontispicio é bello, original e adornado de boas esculpturas.

Tem tres naves, separadas por pilares ou feixes de columnas, de uma das quaes pende uma lamina de cobre, em que gravaram os seguintes versos:

Si tu veux savoir comment est ample
De Notre Dame le gran temple:
Il y a dans ceuvre pour le seur,
Dix et sept toises de hauteur,
Sur la largeur de vingt-quatre
Et soixant cinq, sans rabattre,
A de long: aux tours haut montées,
Trente quatre sont comptées;
Le tout fondé sur pilots,
Aussi vrai que je te le dis.

As vidraças coloridas são de inexcédível belleza, mas lateralmente no corpo da igreja correm grandes janellas de vidraças não coloridas e que dão ao templo uma apparencia moderna e mais luz do que é proprio em templos goticos.

Na parte posterior do côro e que voltêa a capella-mór, estão incrustados os nomes de todos os bispos e arcebispos de Paris, desde S. Diniz, que pastoreou esta Diocese, de 250 a 272 de Christo, até aos ultimos tres que foram verdadeiros grandes homens e verdadeiros martyres, *Monseigneur Affre, Monseigneur Sibour, Monseigneur Darbois*.

O primeiro, um sabio e eminente escriptor, desenvolveu muito os estudos ecclesiasticos e obras de caridade, Commovido com as desgraças da guerra civil, ousou ir prégar a paz aos combatentes do bairro de Santo Antonio, em 25 de junho de 1848, e ahi caiu ferido de uma

bala, vindo a morrer dois dias depois, exclamando: — *o bom pastor dá a vida por suas ovelhas; que meu sangue seja o ultimo derramado.*

Seus funeraes foram imponentes e concorridissimos, sendo o corpo conduzido descoberto atravez de Paris. A Assemleia Nacional proclamou, por decreto de 28 do mesmo junho, os seus sentimentos de dôr e de reconhecimento por esta morte santamente heroica, e decretou mais que um monumento lhe fosse erigido na cathedral. A Academia franceza propoz premio á melhor poesia feita sobre esta morte de heroica dedicacão, e esse premio foi adjudicado a *Amadeo Pommier*.

O arcebispo *Sibour*, tambem era um verdadeiro pastor, digno successor de Affre. A integridade de seu caracter causou-lhe a morte, dada por um sicario. O arcebispo *Darbois*, tambem homem eminente e pastor zelosissimo, foi por isso mesmo preso como refens e arcabusado pela Communa. As vestes d'estes prelados, ensanguentadas e rotas pelas balas ou pelo estylette, se nos mostraram entre as preciosidades do thesouro, que contém dadivas primorosas de Santa Clotilde, mulher de Clovis, fundador da nação franceza, de S. Luiz, honra do Catholicismo e da França, de Luiz xiv, de Luiz Philippe e dos Napoleões. Mostram tambem um quadro de excellente pincel e representando Mr. Affre.

Magdalena, magnifico templo grego christianisado. Tem boa escadaria e de todos os lados é sustentado por grandes columnas de granito, já enegrecido. Nichos com boas esculturas de santos decoram as paredes exteriores e o vestibulo firmado por 14 columnas.

As estatuas d'este são de S. Luiz e de S. Philippe, como a de Santa Amelia dentro do templo, allusivas aos fundadores, o rei Luiz Philippe e sua esposa a virtuosa rainha D. Amelia. O grupo do frontão é primoroso e representa a conversão de Magdalena. Por baixo se lê em latim a legenda que traduzida, diz: *Consagrado ao Deus Omnipotente em honra de Santa Maria Magdalena*.

Na capella-mór são admiraveis a rotunda, o grupo de Christo entre anjos, o sacriario de jaspe e o baixo relevo do altar. Tem 8 altares lateraes, no segundo dos quaes, vindo da capella mór e do lado da epistola, está o Santissimo Sacramento, deante do qual ardem 7 lampadas. Cada altar tem seu grupo ou escultura de bom cinzel e são de S. Pedro, da Virgem e menino, de S. Paulo, de Christo, de Santa Clotilde, de Santa Amelia, do Baptismo de Christo e do Casamento da Virgem. Recebe a luz do tecto. Correm formosas columnas pelos lados. O baptisterio e as pias de agua benta são primorosas como são os baixos relevos de bronze embutidos na porta principal. Todo o côro e orgão são de carvalho do norte. A entrada da crypta vê-se uma magnifica e mui expressiva estatua de marmore, a qual representa de joelhos e com as vestes de parochio e u'timo prior d'esta notavel parochia, o reverendo *Deguerry*. Fôra bravo capitão de cavallaria no exercito de Napoleão,

o grande, por quem elle tinha vivo enthusiasmo. Cahido o seu grande homem, para elle a personalisação da grandeza da sua patria, fôra esconder o seu sentimento no seio do sacerdocio. Foi-lhe dada a parochia da Magdalena e o bravo soldado appareceu inopinadamente pastor zelosissimo e orador eminente, a ponto de merecer o respeito e os elogios do celebre padre Ventura. A vida d'este excellente parochio era levada no exercicio do seu ministerio e na colheita de esmolas, cada dia feita nos palacios dos opulentos que o respeitavam, e vasada logo nos tegurias da pobreza que o adorava.

Costumo houve uma ingrata que o entregou á Communa. Já uma vez os satellites d'esta tinham tentado prendel-o na sua propria igreja, mas salvou-o a dedicacão valerosa das suas parochianas.

Procuraram-no por segunda vez no presbyterio, mas em vão, porque elle se escondera no jardim do predio contiguo, d'onde o foram tirar por denuncia de uma visinha, viuva com filhos que elle soccorria com especial zelo. Levado para a prisão, onde estava o Arcebispo Darbois com outros tres sacerdotes, a nata dos bons sacerdotes, com elles foi espingardeado pelos *ne-fariis*, como diz a bella inscripção do tumulo em que repousam seus ossos e sobre que se eleva a sua estatua, levantada pelo amor e saudade de seus parochianos, a cuja vontade cedera resignando a mitra episcopal de Marselha, com que Napoleão III o agraciára, para premiar tanto talento e tantas virtudes.

A igreja parochial de *Nossa Senhora do Loretto* é bella e rica de marmores, de esculturas e pinturas, allusiva á vida da Virgem. As tres naves são separadas por oito columnas, de cada lado.

A imagem da gloriosa padroeira está em uma maquetina dourada, sustentada por columnas de porfido, com capiteis dourados e sobrepujada por dois anjos de marmore, de joelhos e inclinados para o globo, encimado pela cruz. Os grandes quadros da capella-mór representam o *Menino entre os doutores* e a *apresentação no templo*. O quadro de *S. Francisco d'Assis*, n'um dos altares lateraes, é talvez o melhor que esta igreja possui. Os do *Senhor morto* e de *S. Domingos* tambem são de muito merecimento.

Assisti alli a um baptisado. Nem no acto da infusão da agua regeneradora os padrinhos seguram o afilhado, como em Portugal, mas sempre a parteira. A pia baptismal é uma grande concha natural.

Tambem assistimos a um funeral.

O bedel acompanha desde o carro funebre com uma bandeira de crepe preto e colloca-se á cabeceira da eça. Serviu de missa de corpo presente a do meio dia. Emquanto ella foi celebrada, dois clerigos, sentados no côro, do lado do evangelho, e revestidos de sobrepeliz, entoavam cantos funebres, acompanhados a fagote por outro clerigo. O parochio assistiu á missa no côro, do lado da epistola. Ao levantar da hostia e do calix, o bedel não se descobre, mas, assim como

os cantores e quasi todos os homens, de pé, inclina-se profundamente. O parochio e mais sacerdotes, prostram-se por terra. O carro que conduz a cruz, o parochio e outros sacerdotes, é todo preto e sem ornamentos.

O carro que leva o athaúde, de madeira preciosa, com a cruz de madeira mais clara, só tem por ornamento sanefas com franjas prateadas.

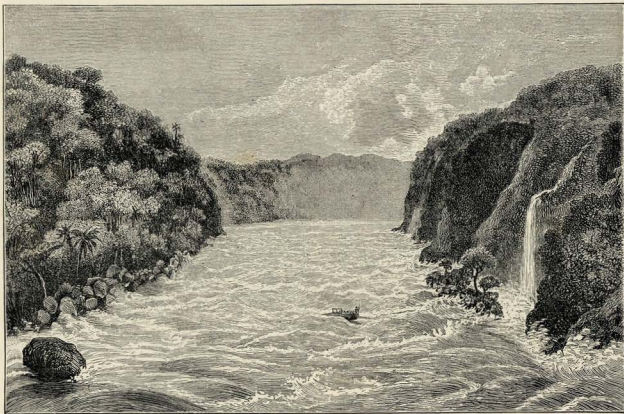
O altar lateral de São Salvador é de marmore e é aguentado sobre columnas de malachite e bronze dourado.

As duas esculturas de S. João e S. José, col-

dourada. A luz do templo vem-lhe do zimbório e da grande janella do frontespicio.

Trindade, é um dos templos mais grandiosos de Paris. Está em frente de um grande largo e jardim, e da frente das nobres escadarias sahem tres fortes monumentaes. O frontespicio, de delicado pensamento, é dividido em diversos corpos, assim como as torres elevadissimas e o zimbório.

Interiormente a parte central é larguissima e por columnas separada das partes lateraes. A capella-mór é aformoseada por 12 columnas de porfido de incomparavel belleza e as suas tri-



VISTA D'UMA CATARACTA N'UM RIO DE AFRICA

locadas em frente no arco cruzeiro, são expressivas, mas talvez um pouco amaneiradas.

Ao offertorio, um sacerdote discorre pela igreja com um vaso, solicitando a offerenda, mas é o bedel que vae adeante, dizendo de quando em quando: *pour la quète, s'il vous plait*. Candelabros dourados estão suspensos entre cada duas columnas. O pulpito, de carvalho do norte, está no corpo da igreja, do lado da epistola. O recto, de entablamentos de madeira, é raso. O templo está cheio de letreiros, allusivos á Virgem.

S. Vicente Paulo, parochia, é magnifica, tem adeante, como quasi todas as igrejas de Paris, um grande jardim. Sobre-se para ella por grandiosas escadarias. O vestibulo é sustentado por 10 columnas e o frontespicio é elegante e de bom effeito. O oratorio do altar-mór é de madeira

buñas são dois grandes corpos salientes, descobertos e com balaustradas.

Assistimos alli a um casamento. No arco cruzeiro estavam sobre bons tapetes dois genuflexorios para os noivos, seguidos de grande acompanhamento de cavalheiros e de senhoras, que todas levavam *bouquets*, bem como muitas meninas, vestidas de branco, levavam bouquets de flôres brancas.

S. Agostinho, parochia, é templo vastissimo, de bons marmores e risco grandioso, mas pareceram-me o vestibulo e frontespicio pequenos em relação ao zimbório e mais cupulas, e o bello é por força proporcionado e harmonico. O altar do Santissimo fica por detraz do altar-mór. Não se imagina como o espirito se sente recolhido e edificado n'este sagrado recinto, tão grandioso, tão convenientemente alumiado e tanto em con-

traste com o bulício, o ruído, o movimento, a vertigem que se ouve lá por fóra, no seio da moderna Babilônia. Tem 5 cupulas, das quaes a do meio é talvez a mais elevada de Paris. São maravilhosas as suas esculpturas. É o templo querido dos Bonapartistas.

Santa Capella—*S. Luiz* mandou-a edificar para encerrar os instrumentos da paixão do Senhor, cedidos pelo imperador latino de Constantinopla. Foi seu architecto *Pedro de Montereau*, que soube desempenhar-se cabalmente, segundo a vontade do piedoso monarcha, erguendo esta obra primorosissima, resplandecente de ouro, como feita de filigrana e illuminada da preciosa vidraria.

O habil architecto ainda viveu dezoito annos depois da consagração do monumento e foi sepultado na igreja de *S. Germano des Prés*, cujos religiosos, que muito o estimavam, lhe gravaram no tumulo que *elle era flôr de virtudes e doutor de architectos*.

A igreja superior foi sagrada por *Eudes de Châteauroux*, bispo de Tusculo e Legado de Santa Sé, ao mesmo tempo que consagrava a

crypta o Arcebispo de Bruges, *Felipe Berruyer*, a 25 de abril de 1248.

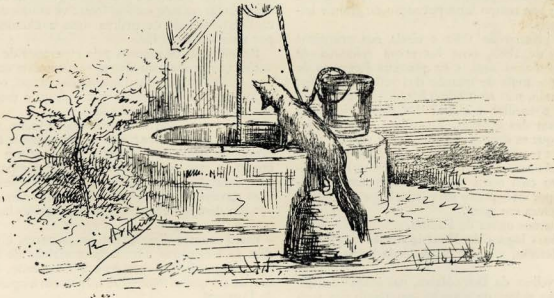
Por ordem do rei *Filippe*, o Bello, em 1306, a cabeça de *S. Luiz*, encerrada n'um relicario de ouro, todo cravejado de pedras preciosas, foi transferido de *S. Diniz* para a *Santa Capella*.

Em 1790 foi pela assembléa nacional comprehendida no decreto que supprimia as abbas, capitulos e congregações religiosas. Então as portas d'este piissimo santuario, o mais venerado da França e que tão manifesta e feliz influencia tivera na esculptura e architectura francezas, pois fóra modelo de supremo bom gosto, foram fechadas, as reliquias foram enviadas para *S. Diniz*, alguns objectos preciosos para o gabinete de antiguidades, esmaltes, estatuas e fragmentos de architectura para o Museu dos Monumentos francezes, e na frente do edificio foi posto o fatal annuncio *propriété national á vendre!* Felizmente ninguem se apresentou a compral-o.

Foi o rei *Luiz Felipe* que teve a gloria de o mandar restaurar pelos eximios architectos *Duban*, *Violet-le-Duc* e *Boeswillwald*.

(Continúa)

SILVA FIGUEIRA.



O LOBO E A RAPOSA

(FABULA DE LAFONTAINE)

Certo dia a raposa ao lobo disse:
Apenas ao jantar rôo um franguito,
Tu papas bom carneiro, bom cabrito.
Fazias-me um favor se eu t'o pedisse?

— Pede, responde o lobo, um beneficio
Não se nega a ninguém. — Olha, desejo
P'ra fugir da magresa em que me vejo,
Que me ensines a fundo o teu officio.

— Bem. — Como começar? — A enfarpelar-te
Co'a pelle d'um meti mano que morreu;
Depois umas lições te darei eu
E passarás por lobo em toda a parte.

Assim foi; a raposa aprendeu cedo,
E tão bem o papel desempenhava,
Que a todos os rebanhos dizimava
E fez mais d'um pastor fugir de medo.

Mas levando um cabrito, que ia aos ais,
Ouviu cantar um gallo; larga a pelle
E contente correu logo atraz d'elle,
Mostrando ser raposa e nada mais.

Debalde trabalho pomos
Em mudar genio — illusão:
Sempre mostramos quem somos
Na primeira occasião.

J. I. D'ARAÚJO.

FÁTIMA¹

A pequena e bonita villa de Manteigas, na Beira-Baixa, é antiquissima e já existia no tempo dos romanos, o que está provado por alguns objectos que se teem aqui achado, do seu tempo.

Está a povoação situada n'uma verdadeira cova, cercada por altos penhascos, iminentes á villa, e por muitas vezes teem cahido sobre ella varios blocos, esmagando casas e matando gente.

E apenas accessivel por um lado, e corre-lhe por este o caudaloso rio Zêzere, sobre o qual ha tres pontes, *Longa*, dos *Frades* e dos *Amieiros*.

A um quarto de légua da villa estão as famosas aguas medicinaes, muito concorridas na estação propria, e que se applicam, com bom resultado, para a cura de varias doenças. São duas nascentes — *Caldas Pequenas* e *Fonte da Lapa*; ambas rebentam na raiz da serra da Estrella — o *Hermínio Maior* dos romanos.

Aqui esteve alguns dias o celebre imperador Julio Cesar, no anno 50 antes de Jesus Christo. Na soleira da porta da igreja de Santa Maria, está uma lapide com uma inscripção, quasi apagada, que commemora este facto.

Conquistada pelos mouros, em 715, chegou a ser no seu tempo uma povoação de grande importancia.

No inverno de 1882 e ainda nos primeiros mezes de 1883, uma horrorosa epidemia de typhos matou aqui, e na proxima freguezia de Sameiro, mais de metade dos seus habitantes, morrendo, não só o administrador do concelho, como o medico e alguns dos enfermeiros que tratavam dos doentes. Foi n'esta triste conjunctura que se distinguuiu pela sua abnegação, solidicidade e temeraria dedicação, o sr. doutor Sobral, cirurgião-mór do regimento de infantaria 12, cavalheiro cujo nome será por muito tempo lembrado por estes povos em particular, e pela nação portugueza em geral.

Tratemos agora de Fátima.

A duas leguas de Manteigas está o pincaro de Alfátima, a maior elevação da Serra da Estrella.

As velhas da Beira-Baixa, nas longas e frigidissimas noites de inverno, enquanto nas suas rodas fiam a lã das suas ovelhas, ou nas rócas o linho dos seus campos, contam aos netos esta lenda:

Esta terra foi muito opulenta no tempo dos mouros, e era governada por um *emir* ou *alcaide* riquissimo, mas o seu mais precioso thesouro, era uma formosissima filha, chamada Fátima.

Das cavernas quasi inacessiveis de Covadonga, nas Asturias, á voz patriótica do immortal príncipe Pelayo, tinham os christãos de toda a Peninsula decidido resgatar do poder dos agarenos a terra querida da patria, e como combatiam por Deus e por ella, foram pouco a pouco, e á custa de muito sangue derramado e de muitas povoações arrazadas, reconquistando o que seus maiores haviam perdido, até que, depois

de mais de 600 annos de batalhas, viu-se a Peninsula Iberica completamente livre do jugo musulmano.

Quando o pae de Fátima governava Manteigas, já os christãos tinham resgatado grande parte de Portugal. As surpresas eram continuas, pelo que, vendo o emir de Manteigas o seu emirado em perigo, tratou de esconder grande parte das suas riquezas, em uma caverna da Estrella, pondo-lhe por guardas formosas mours encantadas.

Os christãos das visinhanças faziam todas as diligencias para conquistarem Manteigas, apoderarem-se das riquezas do emir, e, sobre tudo, captivarem a formosa Fátima.

O emir resistiu obstinadamente por muito tempo, mas accommettido com bravura por grande numero de christãos, e vendo que a resistencia era impossivel, fugiu uma noite, pelas mais occultas veredas da serra, levando sua filha, as suas riquezas que não tivera tempo de esconder, e o resto de suas tropas.

O caminho que seguiam era escabrosissimo. Fátima, planta mimosa, creada com o maior carinho, não poude resistir a tantos trabalhos e tão terribes afflicções, e estava a ponto de cahir desmaiada, quando na sua frente vê um formoso caminho, calçado de pedras finas e illuminado por uma brilhante luz.

Reanimados os mouros pela esperanza de salvação que se lhes antolhava, seguem este caminho, que os conduz a um magnifico palacio, onde tudo era de tal esplendor que o proprio emir e sua filha ficaram deslumbrados.

O que se passou n'este palacio de fadas, ninguém jámais o soube; mas no dia seguinte desceram da serra uns *pastores* que ninguém conhecia, e que se demoraram algum tempo no paiz, fazendo ao *Curuto de Alfátima* (nome que elles davam ao tal pincaro) repetidas visitas; e por fim desapareceram, sem mais d'elles haver noticia.

Eram mouros disfarçados em pastores, e por elles se soube que uma fada, madrinha de Fátima, a guardara no seu palacio encantado, e lá ficaria, até que os mouros se tornassem a apossar de Portugal.

Ninguém por estas terras duvidava de tudo isto; mas o que deu mais visos de verdade a este conto das *Mil e uma noites*, foi que, d'ahi a muitos annos, passando pelo *Curuto de Alfátima*, em uma manhã do S. João, uma pobre mulher, se sentou allí a descancar e a comer um bocado de pão que trazia. Viu então a seu lado um grande estendal de *figos seccos*. Encheu d'elles uma cesta que levava, e partiu.

Chegando a casa, qual foi o seu pasmo, quando, ao descobrir a cesta, em vez de figos, achou grandes moedas d'ouro, e resplandecentes brilhantes!

Julgava-se rica; mas a pobre mulher, que momentos antes se contentava em ter um bocado de pão para matar a fome, não se contenta com uma cesta cheia de inestimaveis riquezas, e quer ser ainda mais rica. Torna ao *Curuto*; mas ah!

¹ Fátima é nome proprio de mulher arabe (Fátima).

O sol dourava já os pinaros da Estrella, tinha-se quebrato o encanto, e os figos desaparecido.

Mas viu uma formosissima moura, vestida de ricas sedas e velludos, bordados a ouro e prata, que em voz harmoniosa assim cantava :

Era teu tudo o que viste,
Agora, tornaste em vão!
Não passes mais n'este sitio
Na manhã do S. João!...
Não te perdesse a pobreza,
Póde matar-te a ambição.

PINHO LEAL.

VERSOS AO JULIO

BÉBÉ E O CACHORRO



Bébé contente comia
O seu bocado de pão,
E em torno d'elle latia
Um grande e formoso cão.

Mostrando a grossa fatia
Ao tótó, por mangação,
Generoso prometia
Dar-lhe d'ella um bom quinhão.

Cachorro os beijos lambia
De alegre satisfação,
Cheirava ao perto a iguaria,
Mas tocar-lhe isso é que não...

Pois Bébé quando entendia
Apressado erguia a mão
E em tom de moça dizia :
— Fóra d'aquí, seu lambão!

Farto de tanta arrelia,
Zangou-se o tótó então,
Ladrando : — Tal zombaria
Vae-me cheirando a murrão...

E em medonha correria,
Raivoso como um leão,
A sala toda corria
O desalmado rabão!

Bébé, correndo á porfia,
Gritava chorando em vão;
Ninguem os gritos lhe ouvia,
Ninguem lhe dava atenção!



Emfim, Cachorro o sitia
Põe-lhe as mãos sobre o roupão...
Ih! Jesus! Ave Maria!
Que terrivel colisão...

Dar o pão, Bébé não qu'ria,
Mas que remedio, senão...
— Bébé, coitado, bem via
Os dentes do canzarrão...

Bébé de medo tremia,
Bradando com susto : — Perdão!
Mas o cão de indol' bravia
Deu-lhe um cruel safanão!



Mal da presa se apropria
Lá vae fugindo o ladrão,
Emquanto Bébé gemia
Estatelado no chão!...

D'esta curta allegoria
Póde tirar-se em lição :
— Quem com os maus se associa
D'elles soffre a punição...

D. MARIA DO Ó.

ALEGRIAS

Um amator de quadros mostrava a sua galéria a um italiano de modos muito cortezes. Ao passar por cada quadro, o vaidoso proprietario provocava a admiração do visitante, dizendo-lhe:

— Olhe para este Velasquez authentico. Não o acha bello?

— *Bellissimo, signor.*

— E esta virgem de Corregio não é tão suave?

— *Suarissima, signor.*

E assim por diante.

O dono da casa desconfiou por fim de tanto superlativo, e querendo fazer uma ultima experiencia, foi mostrar-lhe um quadro insignificante, que estava a um canto, e disse-lhe:

— É deliciosa esta nymphá, não é verdade?

— *Oh! deliciosissima, signor!*

— Ora diga-me cá: ter-me-ha na conta de tolo?

— *Tolissimo, signor!* — respondeu o italiano no mesmo tom convicto e attencioso.

Á porta d'um pintor via-se a seguinte taboleta:

TRINTA P P

Alguns curiosos, querendo saber a explicação, interrogaram o pintor, que respondeu:

— Chamo-me Pedro Palma Peito Pegado Ponce Pacheco Pires Paul Pereira Pinto Peixoto Pimentel Pio Pizarro Pardal Palermo. Pobre Pintor Portuguez, Pinto Portas, Palacios, Pyramides, Pilstras, Persianas, Paineis, Paizgens Por Pouco Preço.

Irra com tanto P!

Um advogado muito conhecido andava sempre acompanhado d'um formoso cão. Costumava comprar em certo salchicheiro, o qual lhe disse uma vez:

— Desejava consultal-o, sr. doutor.

— Diga lá.

— Se n'esta loja entrasse um cão e comesse alguns chouriços, teria eu o direito de exigir do dono o valor dos chouriços?

— Certamente.

— Pois então pague-me um cruzado, que é quanto valiam os chouriços que o seu cão me comeu.

O advogado pagou, mas no dia seguinte manda ao salchicheiro este recibo:

«Recebi do sr. F..., muito digno salchicheiro, a quantia de 1.000 réis, pelo conselho que lhe dei a proposito do abuso de confiança do meu cão.»

O salchicheiro não teve remedio senão pagar.



HORAS ENTRETIDAS

186 — CHARADA

Eu tenho já idade, mas nunca vi
Uma coisa semelhante a esta agora,
Ver um rapaz alegre que não ri,
Mas tudo n'este mundo elle devora! — 2

É coxo, não tem pernas, mas em saltos,
Piruetas elle faz muito á seria,
Inda hontem elle subiu a uns planaltos
Cahindo mesmo em frente da Quiteria. — 3

Ella muito zangada, e com rasão
Pregou uma descompostura ao tal manco,
Chamando lhe farçante e histrião,
«Que não passa de ser um saltibanco!»

Vizeu O PEQUENO ANTONINHO.

187 — CHARADA NOVISSIMA

Depois d'este numero a sobremeza — 1 — 1

Monchique CUNHA & C.^a

188 — CHARADA NOVISSIMA

Um pastor em Malaga viu este peixe — 2 — 1

Vizeu BÉBÉ.

189 — CHARADA NOVISSIMA

No mar aquece o insecto — 2 — 2

Monchique GASCON.

190 — CHARADA NOVISSIMA

Esta lettra edosa é animal — 1 — 2

Lisboa OS DOIS PYRILAMFOS.

191 — CHARADA NOVISSIMA

É redonda porque não é boa esta ilha — 2 — 1

Lisboa HERMINIA.

192 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é o peixe que habita no ceu?

Vizeu BÉBÉ.

193 — PALAVRAS EM LUZANGO

Não vás alem da primeira
Procurar quem te creou;
Não é bom sendo falsario,
Quem os turcos commandou,
Veiu a ter o fim de Mario.



Vizeu O PEQUENO ANTONINHO.



SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

175, Margarita — 176,

C
A
M
A
R
I
A

177, Mithoca — 178, Pavão — 179, Café — 180, Mimoso — 181, Larmario
182, Novelas (nove láis) — 183, Guarda — 184, Em ter raios — 185, Em dar
passagens.